

Não podemos fechar os olhos para CRISES HUMANITÁRIAS

O deslocamento forçado, afeta cada vez mais pessoas em todo o mundo, já atingindo o número de 100 milhões de indivíduos e comunidades. Dentre elas, quase 27 milhões são mulheres e crianças com menos de 18 anos, pessoas forçadas a se deslocar por violência generalizada, perseguições, violações de direitos humanos, conflitos armados e mudanças climáticas, alguns dos principais fatores. A diferença entre deslocamento forçado e refugiados está nas fronteiras: enquanto os refugiados atravessam fronteiras internacionais, as pessoas deslocadas permanecem dentro do mesmo país, mas noutra zona.

O número de pessoas em deslocamento forçado, que precisam de **ajuda humanitária por questões climáticas** tem crescido muito, nos anos recentes. São pessoas de regiões já em estado de **emergência climática**, que sofreram alguma **catástrofe climática** ou que estão alojadas em locais já bastante afetados pelo **aquecimento global**. Desastres relacionados ao clima como **enchentes, secas e desertificação**, que destroem meios de subsistência, alimentam conflitos e forçam as pessoas a deixarem suas casas, de acordo com dados do órgão ACNUR – Alto Comissariado da ONU para Refugiados.

“Desastres relacionados ao clima podem dobrar o número de pessoas necessitando de ajuda humanitária para mais de 200 milhões a cada ano até 2050”

Relato de Andrew Harper, o Conselheiro Especial do ACNUR para Ação Climática.

JUSTIÇA CLIMÁTICA

Nesse cenário, é impossível não falar em justiça climática, pois as comunidades mais afetadas, as mais vulneráveis, são as que pouco ou nada fizeram para agravar a crise climática.

RESPONSABILIDADES GOVERNAMENTAIS

Abordar o deslocamento forçado requer uma resposta internacional abrangente e coordenada, especialmente das nações desenvolvidas,

responsáveis pela maior parte das emissões de gases de efeito estufa provocados principalmente pela extração e uso de derivados de combustíveis fósseis como o petróleo e carvão, pelo desmatamento, queimadas, e a pecuária que, no caso de Estados Unidos e Brasil, é o principal responsável.

As autoridades precisam estar cientes das áreas de risco e **agir preventivamente**. É **urgente criar planos de emergência**, não podemos agir apenas quando acontece uma tragédia. Diante das previsões científicas para as mudanças climáticas, é fundamental a criação de planos para o caso de necessidade de realocar pessoas que vivem em regiões com reconhecido risco. Ao se envolver ativamente com as comunidades, suas perspectivas e preocupações podem ser integradas à tomada de decisões, incluindo uma abordagem que promove um senso de propriedade, capacita as comunidades afetadas e abre caminho para condições de vida sustentáveis e dignas em locais mais seguros.

TODOS NÓS PODEMOS CONTRIBUIR PARA REVERTER ESSA SITUAÇÃO

Cada um pode fazer a sua parte. Você pode se envolver com a causa, por exemplo, fazendo uma doação para iniciativas como

www.acnur.org

www.migrante.org.br/

<http://www.africadoracao.org/>

<https://www.aldeiasinfantis.org.br/>

Conheça e contribua com organizações não governamentais e agências humanitárias que se dedicam a fornecer ajuda a essas populações deslocadas.

Façamos a nossa parte.

Isabella Prata

Membro do Conselho do ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiado

Fontes:

- . ACNUR Brasil
- . Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC) do Conselho Norueguês de Refugiados
- . MapBiomass
- . IPCC